Vidros romanos de S. Miguel de Odrinhas: (Sintra)

Autor(es): Ferreira, Manuela Almeida

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45435>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_36_10

Accessed : 26-Apr-2023 13:07:40

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

CONIMBRIGA

VOLUME XXXVI – 1997

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

MANUELA ALMEIDA FERREIRA

Mestre em Arqueologia

VIDROS ROMANOS DE S. MIGUEL DE ODRINHAS (SINTRA)

“Conimbriga” XXXVI (1997) p. 177-182

RESUMO: A autora examina um grupo de vidros romanos essencialmente dos sécs. III e IV e apresenta reconstituições de três das formas mais representativas deste período. Trata-se de material proveniente da *villa* de S. Miguel de Odrinhas (Sintra).

SUMMARY: The author examines a group of Roman glass remains mainly of the 3rd and 4th centuries D.C. Reconstitutions of three of the more typical forms of this period are put forward. These finds came from S. Miguel de Odrinhas (Sintra) Roman *villa*.

(Página deixada propositadamente em branco)

VIDROS ROMANOS DE S. MIGUEL DE ODRINHAS (SINTRA)

O espólio vítreo exumado da *villa* romana de S. Miguel de Odrinhas compreende 15 bordos de formas abertas, 2 asas, um fundo cónico, 3 fragmentos de parede com decoração gravada à roda, um fragmento de bracelete e um pingo decorativo de um copo de tipo tardio.

Eis os fragmentos susceptíveis de caracterizarem este espólio como um conjunto do Baixo Império:

a) as taças de bordos em S, cujos bordos não orlados foram cortados à tesoura, correspondentes aos tipos 117 de Isings e 76 de Morin-Jean (n.^{os} 1-4). (Isings, 1957, p. 147, Morin-Jean, 1913, p. 126). Em Portugal, têm paralelo entre o vidro romano tardio de Conimbriga (Alarcão e Alarcão, 1965, pp. 118-120, Est. VIII-IX e Alarcão *et alii*, 1976, pp. 194-195, Est. XLII). Trata-se de uma forma conhecida em várias regiões europeias sob o domínio romano, no séc. IV, época em que, dos perfis às asas, o gosto evolui no sentido de contornos animados de mais movimento do que nos primeiros séculos do Império.

A secção inferior da copa, não conservada nos exemplares de S. Miguel de Odrinhas, era por vezes decorada por reentrâncias ovais (Alarcão, 1970, p. 243, fig. 11). (Est. I, n.^o 2).

O n.^o 5 tem os contornos de uma taça referida como pertencendo ao grupo de taças gravadas do grupo Wint Hill, datadas da 1.^a metade do séc. IV (Harden, 1960, pp. 45-52).

b) as taças de bordo engrossado ao fogo, de copa arqueada (n.^{os} 6-8) ou troncoconica (n.^o 9), semelhantes aos n.^{os} 203, 206, 207 e 212 de Conimbriga (Alarcão *et alii*, Est. XLII) datáveis do séc. IV.

c) a gotícula n.^o 23, elemento de um tipo de decoração plástica inventada cerca de 300 D.C. (Alarcão e Alarcão, 1965, p. 108). De cor turquesa aplicada, em contraste, sobre um fundo incolor, esta gotícula atesta o uso, em S. Miguel de Odrinhas como em Conimbriga, de um

tipo de copo frequente no séc. IV (Morin-Jean, 1913, p. 226, fig. 306 e Isings, 1957, p. 113. A reconstituição deste vaso é proposta na Est. 11/23.

Esta formula decorativa subsistiu, sob formas diversas, na Alta Idade Média e veio a dar origem, já em meados do séc. XIV, na Alemanha, ao *Rippenbecher* (Schütte, 1976, pp. 103-104, Est. 3).

Os demais fragmentos, embora tipológica e cronologicamente menos eloquentes, apontam para a mesma época tardia, adentro dos limites temporais de Império Romano.

As taças de rebordo tubular (n.^{os} 11-13), provavelmente de copa arqueada e, eventualmente, repousando sobre um pé anelar (Est. 11/12), são semelhantes às da forma 115 de Isings (Isings, 1957, p. 143), datável de finais do séc. IV.

O n.^o 10 tanto pode ter sido uma taça como um pote de bojo globular do tipo 94 de Isings, datando da 2.^a metade do séc. II e do séc. III (Isings, 1957, p. 111). Igualmente um pote terá sido o n.^o 14 que, dada a sua cor azul, sugere alguma reflexão. De facto, ao vidro intencionalmente colorido caro ao consumidor da época julio-claudiana, sucedeu, no final da época flávia, a preferência pelo vidro incolor. Assim, o n.^o 14 poderá ser mais antigo do que a generalidade do material aqui considerado, remontando, designadamente, a meados do séc. II D.C. e sendo, nesse caso, coevo do n.^o 10.

O n.^o 15 será o bordo de uma taça (Clairmont, 1963, p. 466, Est. XI/468).

O bordo n.^o 16, ao qual se liga uma asa, deve ter pertencido a uma lamparina do tipo 134 de Isings, datado a partir do séc. III tardio e que se prolongou pela Alta Idade Média (Isings, 1957, p. 162). Quanto ao n.^o 17, é impossível atribuí-lo a qualquer forma particular.

O n.^o 18 é um fundo cónico que deve ter feito parte de um frasco de pequenas dimensões, utilizado eventualmente como unguentário.

Os fragmentos n.^{os} 19 a 21 ostentam vestígios de decoração gravada à roda. Apenas o n.^o 20 conserva um perfil susceptível de leitura. Pertenceu, provavelmente, a uma taça do tipo 116 de Isings, análoga a algumas das taças decoradas por motivos geométricos gravados à roda descobertas noutras regiões do Império Romano e datadas da 1.^a metade do séc. IV (Isings, 1957, pp. 144-145).

O bracelete n.^o 22, estriado, a quente, com o auxílio de um utensílio de vidro, é análogo aos da época trajana exumados em Conimbriga (Alarcão *et alii*, 1976, Est. XLVI/311-312).

CATÁLOGO

N.º 1 — Taça. Copa em S; bordo de arestas vivas, cortado à tesoura. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B4). Ø 140mm SMO/R/57/53.

N.º 2 — Idem. Ø 144mm SMO/R/57/23.

N.º 3 — Idem. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B3). Ø 144mm SMO/R/57/36.

N.º 4 — Idem. Ø 172mm SMO/R/57/56.

N.º 5 — Copo cónico. Bordo em S; bordo de arestas vivas, cortado à tesoura. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B4). Ø 72mm SMO/R/57/41.

N.º 6 — Taça. Copa em forma de calote; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 160mm SMO/R/57/26.

N.º 7 — Taça. Paredes esvasadas; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 26 A2). Ø 210mm SMO/R/57/19.

N.º 8 — Taça. Copa em forma de calote; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente esverdeado (Methuen 26 A2). Ø 118mm SMO/R/57/30.

N.º 9 — Taça. Paredes sobre o cilíndrico; bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 112mm SMO/R/57/37.

N.º 10 — Taça (ou pote ?). Bordo esvasado, engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 98mm SMO/R/57/39.

N.º 11 — Taça. Bordo tubular esvasado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 98mm SMO/R/57/31.

N.º 12 — Taça. Bordo tubular; copa hemisférica (?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 114mm SMO/R/57/17 e 21.

N.º 13 — Idem. Ø 84mm SMO/R/57/16.

N.º 14 — Potinho. Bordo tubular; bojo globular (?). Sopragem livre. Vidro transparente azul (Methuen 22 E8). Ø 76mm SMO/R/57/47.

N.º 15 — Taça. Paredes levemente envasadas; bordo engrossado ao fogo, em forma de cabeça de fósforo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 120mm SMO/R/57/15.

N.º 16 — Lamparina (troncoconica, de três asas ?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø indeterminável. SMO/R/91/1.

N.º 17 — Asa. Vidro transparente incolor. SMO/R/57/44.

N.º 18 — Fundo cónico (de frasco ?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø indeterminável. SMO/R/57/52.

N.ºs 19-21 — Fragmentos de parede. Decorados por motivos geométricos gravados à roda. Vidro transparente esverdeado (Methuen 30 B3). SMO/R/57/54, 55 e 63.

N.º 22 — Bracelete. Estriado a quente, a espaços regulares. Vidro opaco negro. Ø 72mm SMO/R/57/304.

N.º 23 — Copo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, decorado por uma gotícula azul turquesa (Methuen 24 B7) aplicada em relevo. SMO/R/57/72.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, A. e ALARCÃO, J. (1965) — *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga.

ALARCÃO, J. (1970) — “Vidros romanos de Balsa”, *O Arqueólogo Português*, pp. 237-272.

ALARCÃO, J. et alii (1975) — *Fouilles de Conimbriga — VI — Céramiques diverses et verres*, Paris.

CLAIRMONT, C. W. (1963) — *The excavation at Dura-Europos — Final Report IV — Part V — The glass vessels*, New Haven.

HARDEN, B. (1960) — “The Wint Hill Hunting Bowl and Related Glasses”, *Journal of Glass Studies*, Vol. II, pp. 45-81.

ISINGS, C. (1957) — *Roman Glass from dated finds*, Groningen — Djakarta.

MORIN-JEAN (1913) — *La verrerie en Gaule sous l'Empire Romain*, Paris.

SCHÜTTE, S. (1976) — “Mittelalterliches Glas aus Göttingen”, *Zeitschrift für Archäologie des Mittelalters*, Vol. 4, pp. 101-117.

1

9

2

5

8

7

3

10

6

4